

Um escritor à procura de si: Uma leitura de *Páginas (I)*, de Ruben A., à luz dos estudos em literatura e turismo

A writer looking for himself: A reading of *Páginas (I)*, by Ruben A., in the light of studies in literature and tourism

Carlos Conte Neto¹
conte_conte@hotmail.com
Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, NOVA
FCSH
Lisboa, Portugal
ORCID iD [0000-0003-1030-1547](https://orcid.org/0000-0003-1030-1547)

Artigo recebido em 2023-05-31
Artigo aceite em 2023-12-20
Artigo publicado em 2023-12-20

How to cite

Conte Neto, C. (2023). Um escritor à procura de si: Uma leitura de *Páginas (I)*, de Ruben A., à luz dos estudos em literatura e turismo. *LIT&TOUR – International Journal of Literature and Tourism Research (IJLTR)*, (2). <https://publicacoes.ciac.pt/index.php/iiitour/article/view/178>

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

Resumo

Páginas (I), livro de estreia do escritor português Ruben A., é um misto de diário e ficção em que se narram algumas viagens do autor pela Europa e pela América entre 1947 e 1949. Neste ensaio pretendo situar esse livro nos estudos em literatura e turismo, valendo-me de algumas categorias próprias desse campo de conhecimento. Primeiro, procuro justificar por que o Ruben A. de *Páginas (I)* reúne simultaneamente características de turista e viajante. Depois, analiso suas deslocções como turista cultural, ávido pelo contato com as produções artísticas dos maiores centros de cultura do Ocidente. Na sequência, dedico-me ao Ruben A. turista literário, na relação com Thomas Hardy, e peregrino literário, na relação com Shakespeare, explicitando, neste último caso, os efeitos que o contato com o autor-Deus produzem no discurso. Um segundo objetivo deste ensaio, além de situar *Páginas (I)* nos estudos em literatura e turismo, é investigar as motivações do viajante Ruben A., partindo da premissa de que suas deslocções têm um significado especial. É por isso que, ao final, procuro demonstrar a tese de que suas viagens decorrem de uma demanda ao mesmo tempo existencial e artística que resulta na produção de um livro, no desenvolvimento de uma expressão própria e na criação de um nome literário com o qual assina suas futuras obras autobiográficas e ficcionais.

Palavras-chave

Literatura portuguesa · *Páginas (I)* · Literatura e turismo · Turismo cultural · Peregrino literário

¹ O autor desenvolve projeto de investigação de doutoramento financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Abstract

Páginas (I), the debut book by Portuguese writer Ruben A., is a blend of diary and fiction recounting the author's travels across Europe and America between 1947 and 1949. In this essay, I aim to position this book within the realms of literature and tourism studies, utilizing certain categories intrinsic to this field of knowledge. Firstly, I seek to justify why Ruben A. in *Páginas (I)* simultaneously embodies characteristics of both a tourist and a traveler. I then analyze his journeys as a cultural tourist, eagerly engaging with the artistic productions of the major cultural centers of the Western world. Subsequently, I delve into Ruben A. as a literary tourist, exploring his relationship with Thomas Hardy, and as a literary pilgrim, examining his connection with Shakespeare. In the latter case, I elucidate the effects that the encounter with the author-Deity has on the discourse. A secondary objective of this essay, in addition to situating *Páginas (I)* within literature and tourism studies, is to investigate the motivations of the traveler Ruben A., operating on the premise that his movements hold a special significance. Therefore, I conclude by demonstrating the thesis that his journeys stem from an existential and artistic demand, resulting in the creation of a book, the development of a unique expression, and the establishment of a literary name under which he signs his future autobiographical and fictional works.

Keywords

Portuguese literature · *Páginas (I)* · Literature and tourism · Cultural tourism · Literary pilgrim

1. Introdução

Ruben A. foi um escritor que não só viajou muito como se dedicou a escrever sobre suas viagens. Isso se verifica na sua obra autobiográfica: nos seis volumes das *Páginas*, publicados entre 1949 e 1970, nos três de *O mundo à minha procura* (de 1964, 1966 e 1968) e em *Um adeus aos deuses*, este totalmente dedicado ao relato de uma viagem que fez à Grécia no início dos anos 60 e onde se evidencia, além da já conhecida habilidade de escritor, a sua faceta de historiador. Uma vista de olhos nas publicações periódicas com as quais colaborou revela mais escritos sobre viagens – por exemplo a série de artigos (acompanhados por fotos) sobre sua excursão ao Oriente Médio em 1964 (Leitão, 1964a, 1964b).

É revelador da importância das viagens na escrita de Ruben A. o fato de o seu livro de estreia, *Páginas (I)*, ser em boa parte formado por apontamentos tirados enquanto viajava por países da Europa e pelos Estados Unidos. Na altura em que escreve os dois primeiros volumes das *Páginas*, Ruben A. vive em Londres como bolsheiro financiado pelo Instituto de Alta Cultura e em 1947 é nomeado leitor de Português no King's College. Nos tempos livres, finais de semana e férias, viaja: visita a Holanda, os Estados Unidos e os países nórdicos; vai algumas vezes à quinta do Prof. Charles Boxer, em Dorset, e em junho de 1949 faz a peregrinação a Stratford-upon-Avon – na autobiografia *O mundo à minha procura* ficamos sabendo que foi a primeira de muitas idas ao local de nascimento de William Shakespeare (Ruben A., [1968] 2020: 692). Todas essas viagens estão registradas em *Páginas (I)*, livro de difícil classificação em termos genológicos, misto de diário e ficção em que avultam um trabalho verbal absolutamente original e a imaginação invulgar do seu autor. É com esse livro que Ruben A. se faz escritor – institui um nome artístico e lança uma plataforma literária que será explorada nas demais obras, tanto nas autobiográficas quanto nas ficcionais. E não me parece nada despidendo o fato de esse momento crucial na carreira do escritor – um instante fundacional do ponto de vista artístico – coincidir com uma fase da vida do indivíduo marcada por constantes deslocações e descobertas. Investigar as motivações do viajante talvez lance luz não só sobre o processo de formação de Ruben Andresen Leitão mas também sobre a criação de um nome literário: Ruben A.

2. O lugar de *Páginas (I)* nos estudos em literatura e turismo

Como vimos, a obra de Ruben A., incluindo os artigos publicados em jornais e revistas, tem íntima relação com o turismo, entendido numa acepção lata como o movimento de uma pessoa para fora do seu ambiente habitual atendendo a razões pessoais ou profissionais (UNWTO). No caso de Ruben A., ao menos no que diz respeito às viagens narradas em *Páginas (I)*, o ambiente habitual é Londres, cidade onde o escritor morou e desenvolveu regularmente atividades profissionais entre 1947 e 1952. Portanto todas as deslocações de Ruben A., sejam dentro da Inglaterra ou a outros países no período abrangido por *Páginas (I)*, isto é, entre fins de 1947 e julho de 1949, podem ser consideradas, de acordo com essa definição, deslocações turísticas.

Mas os leitores de Ruben A. vão dizer, e com razão, que o autor das *Páginas* não é um turista qualquer. Certamente não é o veranista que passa o dia à beira-mar ou o visitante que, empunhando uma máquina fotográfica, consome com certo ar de indiferença e até enfado um catálogo extenso de atrações turísticas programadas e obrigatórias. Essa imagem do turista, que a despeito de seu feitio caricatural não deixa de ter um fundo de verdade, não condiz com o Ruben A. que se dá a conhecer através dos seus textos autobiográficos, talvez mais próximo da figura do viajante tal como a concebe Boorstin (1962, citado por Baleiro & Quinteiro, 2014: 14): alguém ativo, que trabalha em alguma coisa e não se limita à busca passiva de divertimento e lazer. Ao ler alguns textos produzidos no âmbito dos estudos em literatura e turismo, noto certa dificuldade em se estabelecer uma distinção clara entre o viajante e o turista, figuras de fato muito próximas, em muitos aspectos idênticas, mas cujas diferenças não podem ser ignoradas.

Para estabelecer tal distinção, e com isso definir com maior precisão as atividades narradas por Ruben A. em *Páginas (I)*, recorro a um trabalho esclarecedor de Sílvia Quinteiro e Rita Baleiro intitulado *Estudos em literatura e turismo: Conceitos fundamentais*, no qual as autoras apresentam quatro critérios distintivos que sintetizam as definições encontradas na literatura dedicada ao tema. Segundo o primeiro critério, que diz respeito à “natureza da procura”, não há dúvida de que Ruben A. se aproxima da figura do viajante, “alguém que se prepara previamente e que percorre distâncias em busca da origem, dos elementos que permitem fazer a ligação entre o passado, o presente e o futuro e viabilizam o verdadeiro conhecimento do espaço visitado”, opondo-se ao turista, que “empreende uma busca frívola e momentânea, evitando, a todo o custo, qualquer esforço, dificuldade ou trabalho que perturbem o seu desejo de não fazer nada” (Quinteiro & Baleiro, 2019: 89-90). Também em relação ao segundo critério – a maneira de olhar a realidade visitada – Ruben A. se porta mais como viajante do que como turista, sendo o primeiro o que se desloca “com os olhos e os sentidos bem abertos” e que inclusive faz registros daquilo que vê, ao contrário do turista, “viajante míope”, que percorre roteiros pré-definidos e se limita à experiência do simulacro (Quinteiro & Baleiro, 2019: 90). É preciso questionar, no entanto, em que medida Ruben A., enquanto visitante de atrações turísticas como caste-

los, museus, teatros e parques, não estaria, como aliás quase todos os viajantes atuais, fadado à experiência do inautêntico. Mais adiante veremos que, a despeito de viajar com todos os sentidos (e não apenas os olhos) bem abertos e de plasmar em seu diário o seu modo original de ver e se relacionar com os espaços visitados, Ruben A. não se furta ao roteiro pré-estabelecido dos circuitos culturais e literários, sendo, nesse sentido, um turista. O terceiro critério, o do tipo de viagem, também me parece colocar Ruben A. na condição de turista: suas deslocações são circulares, sem a dimensão do “seguir sempre em frente” do viajante (Quinteiro & Baleiro, 2019: 90). O quarto critério, por fim, faz de Ruben A. turista e viajante ao mesmo tempo: é turista se levarmos em conta o fato de viajar nos períodos de descanso (finais de semana, datas festivas e férias no calendário acadêmico), mas é ao mesmo tempo viajante porque suas deslocações, como veremos, também envolvem a atitude ativa e o esforço de quem trabalha (Quinteiro & Baleiro, 2019: 90-91).

É sempre difícil, porque extremamente subjetivo, determinar as razões pelas quais alguém sai de seu local de residência habitual para visitar outros sítios. O caso de *Portugal* de Miguel Torga, analisado por Rita Baleiro e Sílvia Quinteiro (2016), mostra que a atitude do narrador perante os lugares visitados pode se alterar no âmbito de uma mesma viagem. Em *Páginas (I)* a situação do narrador é igualmente imprecisa e variável, de modo que se pode dizer que, de um modo geral, o Ruben A. de *Páginas (I)* reúne em si características tanto do viajante quanto do turista. Se, por um lado, sobretudo pela natureza da sua procura, Ruben A. aproxima-se da figura do viajante, opondo-se definitivamente ao turista frívolo, regido pelo princípio do prazer, por outro notam-se nas suas deslocações aspectos característicos do turista, como a eventual opção por atrações e roteiros planejados e o caráter circular da viagem. Assim, diria que o Ruben A. de *Páginas (I)*, em relação ao binômio turista/viajante, ocupa uma posição intermediária ou ambígua, assumindo traços de ambos os termos.

Enquanto turista, é turista cultural em razão de seu enorme interesse pelos produtos culturais dos locais que visita; é também turista literário, o que se nota, por exemplo, no interesse pelas paisagens dos poemas de Thomas Hardy; é na sua relação com William Shakespeare um autoproclamado “peregrino literário” (Westover, 2022: 69-70). Mas para além dessas tipologias, importa referir que a viagem representa para Ruben

A. aprendizagem, autoconhecimento e transformação de si enquanto indivíduo e artista. É na relação com a paisagem natural e urbana e com a produção artística dos grandes centros culturais do Ocidente que Ruben A., ao mesmo tempo que tenta definir um estilo, constituiu-se enquanto escritor singular.

Se *Páginas (I)* pode ser analisado no âmbito dos estudos em literatura e turismo? Acredito que sim, levando em consideração os dois requisitos elencados por Hendrix (2014: 22): a vinculação da autoria a práticas turísticas e a capacidade de o texto incentivar o turismo. O roteiro de Ruben A. é aliás bastante atrativo sobretudo para os amantes das artes plásticas e da literatura, podendo servir como uma espécie de guia para quem busca experiência cultural similar. Constam desse roteiro grandes museus, teatros, casas de espetáculo, sem falar nos “lugares literários” (Anderson, 2022: 71) cujo valor Ruben A., na condição de turista ou peregrino literário, ajuda a consolidar. Nesse caso não se trata da criação de um valor – como ocorre com as obras literárias, como o *Ulisses* de Joyce, que têm o poder de transformar espaços em lugares literários –; trata-se do reforço ou ampliação de um valor que já existe pela pena de um escritor que narra suas experiências de viagem. Quando olho para a totalidade da obra de Ruben A., identifico ao menos dois casos (que extrapolam os limites deste ensaio) em que a representação literária e o próprio vínculo biográfico com o espaço funcionam como incentivo para a prática turística: o atual Jardim Botânico do Porto, situado na Quinta do Campo Alegre (ou Casa dos Andresen), onde Ruben passou a infância²; e a casa que construiu no Alto Minho a que deu o nome de Sargaço.³

3. Um turista cultural insaciável

Páginas (I) retrata uma fase decisiva na vida de Ruben A. A Segunda Guerra havia chegado ao fim, anunciando um futuro de liberdade ao qual Portugal se

mantinha alheio. O fascínio pelo novo mundo surgido no pós-guerra somado às condições internas desfavoráveis faz crescer em Ruben A. o desejo de emigrar, que realiza instalando-se em Londres em 1947.

Em Portugal, incomodam-no sobretudo as dificuldades de realização profissional: “Ser escritor em Portugal é jogar sempre no campo do adversário. Destino? Perder” (Ruben A., [1968] 2020: 724). Sente-se só, em meio ao fogo cruzado, incompreendido tanto pelo seu círculo social quanto pelo meio literário português, na época dominado pelos neorrealistas. A Inglaterra, por outro lado, surge-lhe como um “país adulto”, que “admitia a crítica, que aceitava a verdade” (Ruben A., [1968] 2020: 610). Admira a Inglaterra, sua legislação, seu sistema político, sua cultura, e quer aproveitar ao máximo tudo o que o país tem a oferecer, das exposições de arte aos contatos profissionais. Mas o que mais admira no inglês é o “outro mundo” que entrevê por trás do método e da organização dos seus hábitos diários: o “mundo da criação” ou o “verdadeiro valor universal do Inglês [...] dado todos os dias por Shakespeare” (Ruben A., [1968] 2020: 612). A entrada nesse “novo mundo” é de fato impactante para Ruben A., que até então conhecia muito pouco da obra do dramaturgo inglês – “sabia de umas peças que tinha escrito, *Hamlet* e *Macbeth* para ilustrar, mas o resto não chegava para além das fronteiras”. Dois anos mais tarde, em junho de 1949, faz sua primeira peregrinação a Stratford-upon-Avon (de que falaremos adiante).

O fascínio de Ruben A. pela Inglaterra de certo modo estende-se a outros países da Europa – a “sua Europa” (Cruz, 2012: 68) – que se dedica a conhecer a partir de então com a avidez característica de quem corre atrás do tempo perdido. São os espetáculos de balé, os concertos, as exposições de arte, as encenações teatrais, os museus – tudo isso Ruben A. consome com voracidade, “devora”, “papa”, “mama” (Ruben A., [1949] 1996: 191, 216, 217) até se sentir saciado ou esgotado (a sensação de esgotamento pode ser notada em algumas passagens das “*Páginas nórdicas*”). Este é um primeiro aspecto a sublinhar das viagens que Ruben A. relata em *Páginas (I)*: seu interesse pelos bens materiais e imateriais da cultura ocidental, que vai buscar em alguns dos principais centros da arte e do saber, como Inglaterra, Holanda e Estados Unidos.

Há aliás uma passagem curiosíssima do terceiro volume de *O mundo à minha procura* em que Ruben A. conta a história do seu enriquecimento em Londres

² Parte da autobiografia *O mundo à minha procura* é dedicada à narrativa da infância de Ruben no Campo Alegre. Hoje o Jardim Botânico, atração turística do Porto, é anunciado por guias e *sites* de promoção ao turismo como local onde viveram Ruben e sua prima Sophia de Mello Breyner Andresen.

³ Em 26 de setembro de 2020 o Centro de Estudos Regionais de Viana do Castelo organizou, no âmbito das Jornadas Europeias do Património, uma visita à casa do escritor, situada em Montedor, freguesia de Carreço. A casa Sargaço, inaugurada em 1950, foi projetada pelo arquiteto João Andresen, primo de Ruben.

através da aquisição de ações de grandes firmas como a Somerset Maugham, a Tchekhov, a George Bernard Shaw, a Ibsen Co... Ora, sabemos que Ruben A. não emigrou com a intenção de construir fortuna – nem tinha a intenção e nem o fez, ao contrário dos “Carvalhos, os Santos, os Martins, os Mirandas, os Oliveiras” (Ruben A., [1968] 2020: 639-640). A chave dessa espécie de alegoria que ocupa quase nove páginas da última parte da autobiografia é dada no fim: “País de emigrantes, eu identifico-me em tudo ao ser que vai lá fora buscar o que não encontra cá dentro, nem cavando fundo, muito fundo” (Ruben A., [1968] 2020: 647). O que Ruben A. vai buscar lá fora é um tipo de ação que não se negocia na bolsa de valores. O capital que lhe interessa é de outra natureza.

Fixado em Londres, o emigrante passa a explorar novas rotas, que o levam ao encontro de novas terras e gentes, assumindo uma atitude muito próxima da do turista cultural, isto é, aquele cuja deslocação é motivada pelo aprendizado advindo da experiência e do consumo de produtos e atrações culturais (UNWTO). A primeira viagem narrada em *Páginas (I)* é reveladora dessa atitude: “Um desejo florido leva-me à Holanda” (Ruben A., [1949] 1996: 23). As “Páginas flamengas” são um misto de descrições de paisagens e relatos de visitas a museus, como a Casa de Rembrandt e o Rijksmuseum, em Amesterdão, o Mauritshuis, em Haia, o Boijmans, em Roterdão, além de museus não nomeados, em Leiden, e o Museu da Cidade de Bruxelas, na Bélgica, país onde passa não mais do que um dia na viagem de regresso a Londres. Nota-se nesses relatos, mais uma vez, a ânsia de ver, rever, incorporar – “Rembrandt foi devorado” – até se sentir pleno, porém não saciado: “Cheio de arte, cheio de perspectivas, cores, formas, ângulos, porcelanas, móveis, tapeçarias esverdeadas quis ir visitar os Van Goghs” (Ruben A., [1949] 1996: 24, 25). E visita também os Vermeers, os Peter de Hoochs, os Van Leydens, os Paul Rubens, os Bosch, que irrompem nessas páginas como personagens, os únicos companheiros de uma deambulação artística da qual o elemento humano parece estar ausente. Mas não está. A Europa pós-45, a Europa culta e libertada, palco dos valores cívicos e das grandes criações artísticas, ainda era o “centro da tragédia”, o “Inferno” (Ruben A., [1968] 2020: 627, 628). Durante as férias de Páscoa de 1948, enquanto se embebe em arte nos museus holandeses, Ruben A. vai à fronteira com a Alemanha prestar ajuda

a uma amiga que conhecera dez anos antes. Judia, Eva Maria havia escapado da morte, ao contrário de toda a sua família, e agora, vivendo de restos no sul da Alemanha, pesando 32 quilos, recorre ao amigo português, que se dirige ao ponto de encontro montado numa bicicleta, levando consigo alguns sacos de mantimentos. Mas Eva Maria não aparece, e Ruben nunca mais tem notícias dela.

4. A realidade de Ruben A.

Há uma passagem das “Páginas flamengas” em que Ruben A. descreve o comportamento de algumas pessoas que viajam consigo no comboio para Bruxelas: “Ao meu lado passageiros inconsistentes liam jornais informativos – havia uma realidade noticiária na marcha vertiginosa dos acontecimentos” (Ruben A., [1949] 1996: 32). O uso imprevisto de “noticiário” como adjetivo é um pequeno exemplo do modo nada ortodoxo com que Ruben A. se relaciona com a língua. Mas o que mais importa ressaltar nesse trecho é a incompatibilidade de Ruben A. com a “realidade noticiária” dos demais passageiros. Basta ler as primeiras descrições de paisagens das “Páginas flamengas” para perceber que a realidade para Ruben A. é outra coisa: “Pequenos barcos são amigos que ficam num cruzar de grandeza líquida – queria dar umas pinceladas fortes e deixar a tela só com dois planos, só com duas cores, só com dois azuis –, o azul transparente que respiro e o azul misterioso que navega” (Ruben A., [1949] 1996: 23). Para o artista o mundo descortina-se diante de si como uma tela a ser pintada, mas Ruben A. não o faz com os pincéis e as tintas de uma arte que não é a sua: “Penso que a sua sede de criação plástica que as mãos não conseguiam traduzir se veio a realizar no seu estilo literário e na capacidade de descrever cenas e ambientes com as pinceladas de cores, luzes e sombras que fizeram dele um escritor prodigioso” (Seabra, 1981: 279). É a essa “realidade transfigurada” (Amaral, 2022: 10), produto de uma subjetividade rara, que acedemos quando abrimos *Páginas (I)*.

E aqui quero fazer duas observações a respeito do tipo de relação que Ruben A., na condição de viajante/turista, estabelece com os espaços que visita. A primeira tem que ver com a afirmação de um tipo peculiar de viajante cuja experiência do mundo exterior é orientada pela sensibilidade artística. A certa altura do seu diário de viagem, Ruben A. afirma o seguinte: “Um que não se realize em Arte não pode viajar – a sua preocupação

torna-se meramente descritiva e informativa – é um ser sem requinte” (Ruben A., [1949] 1996: 33). Esnobismos à parte, note como Ruben A. define dois modos de viajar: o dos outros, os destituídos de imaginação que leem o jornal no comboio; e o seu modo de viajar, o do artista-viajante ou poeta-viajante, que olha a realidade de outro modo, beneficiando-se dessa relação especial para produzir uma obra que se projeta no mundo literário como peça única, absolutamente original.

A segunda observação que tenho a fazer sobre o viajante/turista Ruben A. é justamente o fato de produzir um tipo específico de “literatura de turismo” em que há claro predomínio da subjetividade em relação ao referente, isto é, uma literatura em que a pretensão mimética ou representativa é abandonada em favor da imaginação transfiguradora do artista, que narra a sua viagem e descreve os seus lugares. Hendrix (2022: 137) define a “literatura de turismo” (“tourist literature”) como um subgênero da literatura de viagem em que o fenômeno turístico funciona como tema ou “ferramenta da imaginação literária”. Em *Páginas (I)* o turismo é tanto tema quanto ferramenta de uma imaginação prodigiosa, de um autor que possui o “dom da literariedade” a que se refere Palla e Carmo (1981: 131), isto é, a qualidade de apreender e criar a realidade literariamente.

5. Ruben A., peregrino literário

Fiz referência algumas linhas atrás à alegoria do enriquecimento de que o escritor se vale para expressar seus interesses durante a temporada inglesa. Na alegoria, constrói imensa fortuna no mercado de ações, culminando no controle da Ibsen Co. A isso sucede um momento de penúria, no qual acaba se tornando funcionário da maior firma do mundo, a Shakespeare Ilimitada, “e quem não penetrasse lá dentro como empregado ficava sempre um pária da existência, cadáver adiado que procria” (Ruben A., [1968] 2020: 692).

A paixão por Shakespeare transforma-se em devoção. O leitor voraz faz-se peregrino:

Na sequência dos anos, pela vida fora, mantive-me fiel na minha peregrinação a Stratford-on-Avon. Meca da minha Jerusalém, Lourdes, Fátima, as maiores cenas da convivência dos homens passavam-se ali. Uma religiosidade de presença, peregrinos do mistério da vida, do conhecer o próximo, tudo naquelas bandas é grande – coisas pequenas raro surgem, só quando nas peças de

Shakespeare os homens também são pequenos. Naquele palco imenso os actores eram homens, e era com homens que eu tinha de me entender no cruzar das ruas. Vê-los sempre em estatura de gigantes ou na miniatura de pigmeus. O mundo estava ali, está ali, é servido com a sinceridade das comédias e a sequência das tragédias. (Ruben A., [1968] 2020: 692)

A citação é longa mas totalmente justificável, pois aqui temos o próprio autor tentando explicar a importância que o dramaturgo inglês passa a ter na sua vida a partir de determinado momento. Viajar ao encontro de Shakespeare é aceder ao “mistério da vida”, é adentrar o segredo do mundo para melhor enfrentá-lo. Há muitas passagens de *O mundo à minha procura* em que Ruben A. descreve sua experiência de emigrado como um processo de tornar-se ou criar-se homem, sendo o estudo de Shakespeare elemento fundamental nesse processo de formação moral. Diz a certa altura que sua “imagem de Homem” fora aprendida com *Júlio César*, *Hamlet* e *Ricardo III* (Ruben A., [1968] 2020: 711).

A adoração a Shakespeare é tão intensa que se autodenomina peregrino, comparando a cidade de nascimento de Shakespeare a destinos tradicionais de peregrinação religiosa como Jerusalém e Fátima. E é em *Páginas (I)* que Ruben A. relata sua primeira viagem a Stratford-on-Avon, iniciando os apontamentos com uma epígrafe extraída da primeira cena de *Rei Lear* e a frase “*Shakespeare on-the-spot*” (Ruben A., [1949] 1996: 173). Vai beber Shakespeare na fonte: instala-se no Shakespeare Hotel e logo na primeira noite assiste à encenação da comédia *Much ado about nothing*. No dia seguinte sai “à procura de museus, casas célebres – tudo isto em cocktail de indústria organizada à chulice do génio” (Ruben A., [1949] 1996: 175), demonstrando estar ciente de percorrer um itinerário pronto, programado por empresários que exploram o valor literário de um local para promover o turismo de massa. Tal constatação, porém, não é o suficiente para retirar a aura sagrada da viagem empreendida pelo peregrino, que parece lidar com o fato com humor. A verdade é que não há tempo a perder: logo corre a cortina e Ruben A. já está diante de uma nova encenação de Shakespeare – *Macbeth*. O texto é repleto de situações curiosas, típicas de um diário de viagem, como a intenção malograda de convidar a atriz Diana Wynyard, intérprete de Lady Macbeth, para uns copos, ou a ida frustrada ao castelo medieval de Warwick

(encerrado aos domingos). Mas uma nova visita melhora o seu dia: o castelo de Kenilworth, presente em todos os guias da “Shakespeare’s England” por ser o local onde o dramaturgo teria conhecido a Rainha Elizabeth, filha de Henrique VIII, em 1575, numa festividade de corte, a Princely Pleasures, que além disso teria servido de inspiração para algumas passagens de *Sonho de uma noite de verão*. A festividade realmente aconteceu. Mas não há provas de que Shakespeare esteve lá, nem que encontrou com a rainha. Lendas também podem dar origem a lugares literários.

Visita o túmulo de Shakespeare: “sepultura própria para Deuses” (Ruben A., [1949] 1996: 181). E a “peregrinação de contacto ao Shakespeare de palco” termina com a versão de Felix Mendelssonhn para *Sonho de uma noite de verão*. Só desperta do sonho quando está a bordo do comboio que o leva de volta à vida ordinária.

Mas a presença no lugar sagrado também provoca efeitos no discurso. Quase todo o capítulo intitulado “Stratford-upon-Avon” parece estar “contaminado” de Shakespeare, com constantes referências, alusões e transcrições de trechos de peças teatrais. O que mais chama a atenção é a forma como o universo shakespeariano, com suas personagens e temas, é incorporado pelo texto diarístico, num trabalho criativo que funde realidade e ficção e promove, através do humor, um processo de dessacralização (afinal Shakespeare é Deus). Mais uma vez, é o ponto de vista do autor, a subjetividade idiossincrática de Ruben A., que transfigura a realidade, oferecendo ao leitor, não um guia com recomendações do que fazer em Stratford (embora involuntariamente o faça), mas um roteiro subjetivo, sentimental e artístico da sua primeira experiência como peregrino literário. O extasiado Ruben A. vê Shakespeare em tudo: passageiros do comboio transformam-se em personagens como Julieta, Desdémoma, Lorde Macduff e Viola. Chega a imaginar um encontro com Shylock com a perspectiva de lhe pedir um empréstimo. Lady Macbeth surge-lhe em sonho como Inês de Castro (Shakespeare transforma-se em Camões). E até pequenos aborrecimentos domésticos, como a falta de lençóis, remetem ao dramaturgo inglês, ainda que seja pelo contraste: “A atmosfera de partida era francamente anti-shakespeariana” (Ruben A., [1949] 1996: 173). Tudo recende a Shakespeare durante a peregrinação, e isso se traduz no discurso.

Ocorre algo similar na viagem à Dinamarca (“Páginas nórdicas”). A proximidade com o castelo de Kronborg,

palco histórico das encenações de *Hamlet*, já é suficiente para alterar o estado de espírito do turista-peregrino: “rapidamente transformo-me em tragédia e dou formas de Ofélia à Karen” (Ruben A., [1949] 1996: 212). Porém a visita ao interior do castelo é decepcionante: “Kronborg lá está na esquina de Elsinore e majestático de cenário aparece-me fraco de interiores e – tirando a atmosfera que carrego dentro de mim – pouco ou nada de Hamlet pelos calhaus mais aborrecidos” (Ruben A., [1949] 1996: 214). A frustração promove um enfraquecimento da aura sagrada do lugar literário, que de cenário de Hamlet passa a ser visto na sua “realidade de edifício”. Nada que o impeça, no entanto, de continuar próximo de Shakespeare, explorando os sítios que de alguma forma lhe estão associados: “Pela tarde tomei banho na praia junto ao castelo onde tantas vezes em lenda e vida Hamlet deve ter feito as suas limpezas” (Ruben A. [1949] 1996: 215). Nota-se, mais uma vez, a presença do humor como elemento dessacralizador.

Convém, por último, fazer uma distinção conceitual entre o turista literário e o peregrino literário. Segundo Quinteiro e Baleiro (2014: 16-17) ambos deslocam-se para visitar lugares literários, isto é, locais que devido à sua importância literária ganharam interesse turístico. Haveria contudo uma diferença entre os conceitos no que concerne ao tipo de relação que existe entre o turista e o destino visitado. O turista literário, figura que pode ser tão informada quanto o peregrino, diferencia-se deste por uma relação menos sentimental com o lugar que visita. Há duas passagens de *Páginas (I)*, uma na carta a Ruy e Menez e outra nas “Páginas londrinhas”, em que Ruben A. visita lugares literários associados a Thomas Hardy. Na primeira passagem há o relato de um passeio às imediações da casa onde morou o escritor, num bosque próximo à casa do Prof. Charles Boxer, em Dorset, e uma referência aos “*meadows* do poeta Hardy” (Ruben A., [1949] 1996: 14). Já nas “Páginas londrinhas”, também por ocasião de uma visita à quinta do professor, Ruben A. refere um passeio em Dorchester, a fictícia Casterbridge de Hardy, e transcreve um trecho de *The mayor of Casterbridge*. Trata-se, a meu ver, de um caso evidente de turismo literário, num caso motivado por um lugar representado na literatura (a Dorchester/Casterbridge ou os prados do poeta), noutro pela vinculação da figura do autor a um espaço (a casa de Hardy). Há

4 Karen é acompanhante de Ruben A. na viagem à Escandinávia.

claro interesse pela obra de Hardy, mas não há devoção, como há com Shakespeare. Com o primeiro há turismo literário; com o segundo, peregrinação.

6. Um “viajante infatigável” à procura de si

Logo a seguir à publicação do segundo volume das *Páginas*, João Gaspar Simões (1950: 5) escreve um longo artigo no *Diário do Norte* em que tenta situar a escrita do amigo Ruben A. na tradição literária portuguesa. Recusa filia-lo a uma escola, apontando algumas semelhanças de superfície entre o “rubenismo” e o surrealismo, que havia despontado em Portugal há cerca de três anos. Nota, o que mais tarde será reiterado por outros críticos, o caráter transfigurador da imaginação do autor das *Páginas*, criador de uma realidade nova, a “realidade das associações de imagens insólitas [...], dos encadeamentos mentais absurdos [...], das definições que não definem [...], das analogias instintivas [...], das justificações cómicas [...], ou das grossarias premeditadas”. Afirma, por fim, ser Ruben A. “um dos mais audazes criadores de estilo da literatura portuguesa contemporânea”, um estilo que impõe rompendo com as normas, com as convenções da gramática, inventando uma sintaxe e um léxico próprios, com os quais exprime seu “mundo novo”. Vale-se, tal como Lepecki (2012: 15), do adjetivo “desconcertante” (o que desarranja ou transtorna a ordem vigente) para definir a escrita de Ruben A. E foram poucos os que no início dos anos 50 se lançaram ao desafio de lançar luz sobre uma novidade literária tão imprevista quanto desconcertante. Prevaleram a incompreensão e a má aceitação, expressas de forma contundente na famosa crítica de Salazar a *Páginas (II)* que resulta na demissão de Ruben A. do cargo que ocupava no King’s College e no seu regresso prematuro a Portugal, em 1952 (Cruz & Brandão *et al*, 1996: 116-118).

Outro crítico que se debruçou sobre o fenômeno Ruben A. aquando da publicação de *Páginas (I)* foi António Quadros. No artigo publicado em dezembro de 1949, no *Diário Popular*, interessa-me sobretudo a associação que faz entre a deslocação do “viajante infatigável” e uma demanda simultaneamente existencial e artística. Diz que o Ruben A. de *Páginas (I)* está “procurando sempre alguma coisa que ele próprio não sabe o que é” (Quadros, 1949: 9) e interpreta tal “insatisfação fogosa” como uma busca de si, ou melhor, uma tentativa de “possuir-se”, verbo que aliás é usado com frequência em *Páginas (I)*. Termina seu

artigo dizendo que em muitas passagens do seu livro “Ruben A. logrou ‘possuir-se’, ser ele próprio, diferente de todos, conhecendo, portanto, o Mundo, de maneira pessoal, e dando a conhecer o Mundo de um prisma novo, invulgar e luminoso”.

A afirmação explícita dois movimentos que permeiam *Páginas (I)* do início ao fim: o movimento em direção ao mundo (centrífugo) e o movimento em direção a si próprio (centrípeto). Também Liberto Cruz (2012: 70), ao tratar das viagens do autor de *Kaos*, parece detectar o mesmo duplo movimento: “Ruben A. se movimenta, se organiza e se dispersa para melhor se encontrar”. No decurso dessa demanda, o mundo também vai ao encontro de si⁵, mostrando-lhe incontáveis novidades ao longo do caminho: “Era enfim o mundo que se lhe abria ou que o procurava, na revelação de alguma coisa misteriosa e cada vez mais próxima do que poderia ser a sua identidade – fosse lá isso o que fosse” (Amaral, 2022: 50).

Dispersar-se para se encontrar: eis a fórmula paradoxal que resume a viagem literária que é *Páginas (I)*. Mas encontrar exatamente o quê? O modelo de homem de que fala constantemente no terceiro volume da sua autobiografia? Seu lugar na literatura, sua voz, sua expressão pessoal, sua identidade artística? Ambas as hipóteses a meu ver fazem sentido.

Vimos como Ruben A. procura o mundo para se enriquecer: atira-se com voracidade ao festim de cores, formas, perspectivas e sons, percorrendo os principais roteiros da pintura, da escultura e da literatura. Vai ao encontro da arte que admira: visita, em Nova York, o The Museum of Non-Objective Painting (atual Guggenheim) e o The Museum of Modern Art, para estar a par da sensibilidade do seu tempo: “Penetrar na arte moderna é penetrar na realidade de santuário afectando tempo nosso”; e ao final da experiência afirma-se moderno (Ruben A., [1949] 1996: 106). Vai ao encontro de Picasso e Kandinsky como um aprendiz que busca no contato com os grandes mestres afinar sua sensibilidade e aprimorar técnicas. Não é outra razão que o leva a Munch e Vigeland em Oslo – gosta de apenas “cinquenta por cento” da obra do escultor norueguês, mas reafirma a superioridade da escultura dentre todas as outras artes (Ruben A., [1949] 1996: 206). E é a mesma demanda por conhecimento e aprendizado, somada à devoção

⁵ Vale lembrar que a autobiografia de Ruben A. é intitulada *O mundo à minha procura*.

própria de um peregrino, que o leva a Shakespeare, o grande mestre da arte que escolheu para si a literatura.

Ao final dessas viagens ressurgue outro, transformado, pronto para experimentar o seu modo pessoal de se expressar literariamente. Dália Dias (2004: 139) afirma ser a viagem na obra autobiográfica de Ruben A. um “trabalho de constituição de si do autor”. E está coberta de razão. Um trabalho que resulta na publicação em sequência dos dois primeiros volumes das *Páginas*, “plataforma necessária para lançar em órbita a obra restante” (Ruben A., [1969] 1981: 69). Ressurge inclusive com um novo nome: Ruben A., invenção de Menez, esposa de seu primo Ruy Leitão, aos quais dedica *Páginas (I)*. Assim nasce Ruben A., “livre-pensador de estilo” (Ruben A., [1968] 2020: 662), nome com que passa a assinar toda a obra autobiográfica e de ficção, deixando seu nome completo, Ruben Andresen Leitão, para os artigos de jornal e os estudos históricos⁶.

7. Conclusão

No dia 17 de julho de 1949, enquanto viaja pela Noruega, Ruben A. anota em seu diário que há quatro anos, desde que se formou na faculdade, tem frequentado a “lição aberta dada pelo livro do mundo” (Ruben A., [1949] 1996: 203). Sua relação com as viagens, sobretudo as que são narradas em seu livro de estreia, é de aprendizagem. Assim, *Páginas (I)* pode ser entendida como a narrativa desse processo de aprendizagem e o seu produto. Ali estão registradas as situações e as reflexões de um diarista que observa o mundo e a si mesmo, mas também está inscrito um estilo, um modo próprio de dizer as coisas que resulta desse processo: o “rubenismo” de que fala Gaspar Simões ou o modo novo, invulgar, com que o diarista apresenta o mundo de que fala António Quadros. É na experiência do mundo, dispersando-se, que Ruben A. se encontra literariamente.

Evidente que isso não explica tudo e que as viagens são apenas parte de um processo mais amplo. Mas não há como negar que sejam uma parte decisiva, um momento de viragem. Gaspar Simões (1949: 9), em outro artigo, este exclusivamente dedicado ao primeiro volume das *Páginas*, afirma que o livro de Ruben A., embora não deixe de ser português, “é todo ele de Londres, Filadélfia, Nova York, Copenhague, Lod-

ningen, Cambridge, Broadway ou Wibleton”. É um livro sintonizado com seu tempo, com a “gente nova”, de uma geração alheia às convenções e ao protocolo. Tudo isso se nota no conteúdo, na despreocupação ética de algumas passagens, na desenvoltura de que fala Eduardo Lourenço (2017: 392-397), mas também na forma, não menos desenvolta, com que Ruben A. constrói seu idioma. Não há dúvida de que o “rubenismo” procede de uma busca mais antiga, anterior às viagens narradas nas *Páginas*. Deriva de uma formação culta, cosmopolita, como lemos nos dois primeiros volumes da autobiografia. Portanto, o indivíduo que emigra em 1947 já está à procura de alguma coisa, justamente aquilo que não pode encontrar em Portugal. A consciência de que deve sair do país para completar sua formação leva-o a Londres, e daí a Amsterdão, Bruxelas, Nova York, Estocolmo, Oslo...

É, portanto, viajando que Ruben A. adquire a instrução que faltava para dar o primeiro passo enquanto escritor. Como turista cultural bem informado, conhecedor dos roteiros obrigatórios para qualquer artista que queira falar a língua do seu tempo, vai ao encontro da arte moderna, onde há “cor, desenho e movimento numa concretização da sensibilidade presente” (Ruben A., [1949] 1996: 106). Mas também percorre roteiros canônicos, como o da pintura flamenga, e vai em romaria ao encontro de Shakespeare. Produz a partir dessas experiências um livro que nada se parece com as antigas narrativas de viagem de um Antero de Figueiredo ou de um Ramalho Ortigão. A diferença se nota nas localidades visitadas, sujeitas às inevitáveis transformações sociais, tecnológicas e culturais, mas sobretudo na maneira como autor-viajante decide mostrá-las aos seus leitores.

⁶ Ruben A. era formado em Ciências Histórico-Filológicas pela Universidade de Coimbra e publicou, entre outras coisas, estudos sobre o monarca Pedro V.

Referências bibliográficas

- [1] Amaral, Fernando Pinto do (2022). *O essencial sobre Ruben A.* Lisboa: IN-CM.
- [2] Anderson, Jon (2022). Literary place. In Sílvia Quinteiro & Maria José Marques (Eds.). *Working definitions in literature and tourism: A research guide* (pp. 71-72). Universidade do Algarve, CIAC - Centro de Investigação em Artes e Comunicação. <http://hdl.handle.net/10400.1/17930>.
- [3] Baleiro, Rita & Quinteiro, Sílvia (2014). Uma personagem à procura da literatura: A ficção literária e a prática turística. *Dos Algarves: A Multidisciplinary e-Journal*, 24: 9-27. Disponível em <https://www.dosalgarves.com/index.php/dosalgarves/article/view/11>.
- [4] Baleiro, Rita & Quinteiro, Sílvia (2016). O turista Miguel Torga: Um retrato do Algarve nos anos 50. In Sílvia Quinteiro; Rita Baleiro & Isabel Dâmaso Santos (Orgs.), *Turistas, viajantes e lugares literários* (pp. 13-26). Algarve: Universidade do Algarve.
- [5] Cruz, Liberto; Brandão, José & Leitão, Nicolau Andresen (Orgs.) (1996). *O mundo de Ruben A.* Lisboa: Assírio & Alvim.
- [6] Cruz, Liberto (2012). A Europa de Ruben A. *Colóquio/Letras*, 181, 65-73.
- [7] Dias, Dália (2004). *A escrita dissidente: Autobiografia de Ruben A.* Lisboa: Assírio & Alvim.
- [8] Hendrix, Harald (2014). Literature and tourism: Explorations, reflections, and challenges. In Sílvia Quinteiro & Rita Baleiro (Orgs.), *Lit&Tour: Ensaios sobre Literatura e Turismo* (pp. 19-29). Vila Nova de Famalicão: Húmus.
- [9] Hendrix, Harald (2022). Tourist literature. In Sílvia Quinteiro & Maria José Marques (Eds.). *Working definitions in literature and tourism: A research guide* (pp. 137-138). Universidade do Algarve, CIAC - Centro de Investigação em Artes e Comunicação. <http://hdl.handle.net/10400.1/17930>.
- [10] Leitão, Ruben Andresen (1964a, 16 de junho). Por terras de faraós e deuses. Os templos ptolomaicos. *Diário Popular*: 1, 13.
- [11] Leitão, Ruben Andresen (1964b). Os templos da Núbia – Abu Simbel. *Colóquio*, 29, 22-31. Disponível em <https://coloquio.gulbenkian.pt/al/sirius.exe/artigo?820>.
- [12] Lepecki, Maria Lúcia (2012). Caixa de brinquedos: tópicos sobre a escrita de Ruben A. *Colóquio/Letras*, 181, 13-15.
- [13] Lourenço, Eduardo (2017). Uma literatura desenvolta ou os filhos de Álvaro de Campos. In *O canto do signo: Existência e literatura (1957-1993)* (pp. 379-399). Lisboa: Gradiva.
- [14] Palla e Carmo, José (1981). Breve nota sobre um romance inédito de Ruben A. AA.VV. *In Memoriam Ruben Andresen Leitão*. (Vol. I, pp. 128-131). Lisboa: IN-CM.
- [15] Quadros, António (1949, 7 de dezembro). “Páginas”, de Ruben A. *Diário Popular*: 4, 9.
- [16] Quinteiro, Sílvia & Baleiro, Rita (2019). *Estudos em literatura e turismo: Conceitos fundamentais*. Lisboa: Universidade de Lisboa
- [17] Ruben A. (1981) [1969]. Conferência proferida por Ruben A. no Instituto Alemão em 13 de janeiro de 1969. AA.VV. *In Memoriam Ruben Andresen Leitão*. (Vol. I, pp. 61-73). Lisboa: IN-CM
- [18] Ruben A. (1996) [1949]. *Páginas (I)*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- [19] Ruben A. (2020) [1964, 1966, 1968]. *O mundo à minha procura*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- [20] Seabra, António (1981). Ao meu amigo Rubinho. AA.VV. *In Memoriam Ruben Andresen Leitão*. (Vol. I, pp. 278-279). Lisboa: IN-CM.
- [21] Simões, João Gaspar (1949, 26 de outubro). As “Páginas” de Ruben A. perante a literatura espartilhada. *Diário Popular*.
- [22] Simões, João Gaspar (1950, 12 de outubro). “Humor negro” ou “humor feérico”? *Diário do Norte*.
- [23] UNWTO – World Tourism Organization (2023). Glossary of tourism terms. Disponível em <https://www.unwto.org/glossary-tourism-terms>.
- [24] Westover, Paul (2022). Literary pilgrimage. In Quinteiro & Maria José Marques (Eds.). *Working definitions in literature and tourism: A research guide* (pp. 69-70). Universidade do Algarve, CIAC - Centro de Investigação em Artes e Comunicação. <http://hdl.handle.net/10400.1/17930>.